

## TECENDO O DISCURSO

Carlos Alberto Ferreira TENREIRO  
Universidade Estadual de Campinas

### *Tecendo a Manhã*

1.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.*

*De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

2.

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.*

*A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

*(João Cabral de Melo Neto – A Educação  
pela Pedra)*

O poema lido acima, escrito pelo poeta João Cabral de Melo Neto, não representa aqui mero efeito estético. Ele toca em algo que é estimável para o dispositivo teórico discursivo: “as relações a”. É preciso aqui pensar o discurso como uma trama de vários fios que vão se articulando, possibilitando um movimento de conexões. Essas conexões não estão, contudo, definidas a priori, não são *cláusula pétrea*; antes, são possíveis porque há o movimento da história e as condições de produção nas quais se processa o discurso. Nesse movimento, os efeitos de sentido são produzidos porque estão impregnados de um “conceito relacional ou intervalar” (conf. Borges, 1998). Mas pensar a palavra discurso hoje não só envolve uma mobilização teórica por parte do analista, como também – e principalmente – estar-se presente num desafio infindável de embate nas teias dos sentidos. Ao analista de discurso, esse

*sujeito* que se propõe enveredar-se pelas tramas discursivas, cabe caminhar por essas tênues conexões, num gesto analítico que não exclui o ato interpretativo na medida em que não deixa nunca de ser sujeito. Todavia, nessa corda bamba em que o analista de discurso tenta se equilibrar cabe-lhe a missão de encarar essa arena de embates discursivos, procurando mostrar como os sentidos aí são constituídos. Por isso, consideramos importante sempre voltarmos à reflexão em torno da proposta mesma desse Seminário: relacionar a Análise de Discurso em sua possibilidade de relações sempre possíveis, considerando discurso como um movimento material (daí histórico e social) “de nunca acabar”.

O texto *La Frontière Absente* (um bilan), o qual norteará as reflexões a serem aqui desenvolvidas, configura-se, antes de qualquer coisa, como um movimento ao redor dos próprios procedimentos discursivos. O que esse texto nos propõe é um balanço em torno dos princípios e procedimentos discursivos fundamentais para a constituição da Análise de Discurso enquanto uma disciplina do **entremeio**.

Considerando que a AD se volta para a *compreensão* e amostragem dos processos de enredamentos discursivos, nunca é demais (re)pensar sobre a própria rede de sentidos que estruturam a AD enquanto dispositivo de análise. Quando nos deparamos em diversos trabalhos com a questão das relações da AD com a Lingüística, com o Materialismo e com a Teoria do Discurso – todas essas perpassadas por uma teoria da subjetividade – torna-se fundamental que tenhamos em mente que a AD não está pura e simplesmente se apropriando dessas disciplinas para constituir seu corpo teórico. É preciso compreender – e percebam a importância desse gesto – o corpo da AD como o lugar de reflexão em que circulam os sentidos. As três disciplinas aqui referidas não deixam de fazer parte desses fluxos de sentidos em torno dos quais se buscam possíveis relações e deslocamentos. Os “indicibles du discours, de la syntaxe, de la linguistique ou de la logiq (sous la forme de ce qui n’y est pas representable, de ce qui brise la consistance de son écrituré)”, leva-nos também a pensar na escritura própria da AD, uma escritura que nos remete ela própria a esse jogo de relações em confronto, a esse grito que não se escuta, que se lança e nos lança para seus outros, demarcando seu território na desterritorialização das

três disciplinas acima citadas. Assim, podemos afirmar que a AD, nos dizeres de Orlandi,

*“é a disciplina que se constituirá nesse lugar que tenho chamado de entremeio, catalisando as contradições que se formam a partir dos deslocamentos produzidos pela articulação entre marxismo (a história não é transparente), psicanálise (o sujeito não é origem de si) e lingüística (a linguagem não é transparente, tem sua própria ordem).” (2002: 208)*

Por isso, é imprescindível que tomemos o funcionamento dessa relação interdisciplinar, não como mera apropriação, mas na articulação contraditória e dialética que possibilita esse (re)fazer analítico. Eis a fronteira constitutiva e ausente do analisar discursivo - uma fronteira que lhe delimita enquanto procedimento de análise, fazendo aí sentido o nome que lhe define - Análise de Discurso – e que, ao mesmo tempo, não se pretende conclusiva, mas na permanente e angustiante tarefa de análise, compreensão e indagação acerca dos *processos* de significação. Desse modo, não é possível fechá-la numa teoria geral do discurso, nem torná-la receptáculo das disciplinas, “mas um novo jogo de relações do saber sem os centros que o determinavam” (ORLANDI, 2002, p.209). O Estruturalismo, nesse sentido, apresentou-se nos primórdios da AD como uma faca de dois gumes: se ele trouxe à tona a língua em sua especificidade estrutural, por outro lado, desconsiderou a língua em sua relativa autonomia, enclausurando-a em seus próprios e irredutíveis sistemas conceituais.

Mas, por constituir sua base teórica na articulação de campos do “saber” tão heterogêneos, é que a AD tem tido como desafio superar as zonas limítrofes do Estruturalismo, segundo o qual a rede de relações no interior do discurso apenas apresentaria conexões possíveis de serem previamente definidas, hierarquizadas em análises perfeitamente retomáveis e concludentes. É, nesse sentido, importante considerar que na AD o discurso não é tomado na esfera textual, mas na MATERIAL. A AD “não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica.” (ORLANDI, 2001, p.18). A

sintaxe não está à mercê de um processo de repetição Ad Infinitum, sem que precisemos nos importar com as peculiaridades que nos oferece cada corpus a ser analisado. A sintaxe, discursivamente considerada, indica modos de organização do e no jogo discursivo, supondo-se aí as agitações sócio-históricas no interior da estrutura. Por isso, trabalha-se com a noção de discurso não como documento, mas como monumento. É nele que o acontecimento produz suas materialidades e efeitos no imaginário. Daí porque também desconsiderarmos uma sintaxe puramente estrutural em prol de uma *sintaxe material*, uma *sintaxe do acontecimento*.

Essa teia que vai se enredando e que *acontece* na materialidade e não fora dela é que distingue a AD de outros dispositivos tais como a Sociologia e a Antropologia, pois tem como centro não mais o próprio homem destronado do processo discursivo-estrutural tanto da língua como em suas diversas materialidades nas quais seu imaginário se constitui, mas tendo uma postura na qual se assume tal processo na constitutividade estrutura/acontecimento. É por essa relação sempre tensa que os enredamentos nos quais vai se formando o tecido sintático do discurso se nos apresenta na alteridade. Uma tal alteridade que se lança para seus outros, que torna o solo do discurso o lugar onde a regra se defronta com suas irregularidades, onde o possível se encontra com seu impossível, onde os efeitos do imaginário entram em funcionamento no “real da língua”. Daí, o gesto de deslocamento proposto por La Frontière Absente em seu primeiro item: “Le discours: du même pris dans l’autre”. Deslocar o foco sobre o discurso, visto geralmente de sua suposta homogenia para o lugar outro possível, traz-nos à tona a importância desse Outro como fator interno. Por assim dizer, é esse tal outro que faz pulsar o tecido discursivo no interior do mesmo, e não o inverso. Portanto, é preciso que nós, enquanto analistas, se realmente pretendemos uma análise que trabalhe o fio do discurso em suas oscilações, tomemos a Alteridade em sua constitutividade, situando-a em seu lugar que lhe é devido: o discurso.

Como podemos ver, todo esse processo de constituição da AD e sua especificidade assim como o próprio enredamento dos sentidos fazem parte de um processo discursivo contraditório fundante. Um processo que nos permite compreender a textualização do discurso em sua base material, na qual nos deparamos com suas fronteiras imaginárias e, concomitantemente, com seus

rompimentos. Sob essa perspectiva, o contraditório não é mais visto enquanto sistema de oposições e dicotomias classificatórias. A palavra “contradição”, tão cara à AD, faz-nos pensar no discurso tomado em seu caráter não-linear. E ao analista que toma fôlego para mirar atentamente os movimentos oscilantes e impalpáveis desse tecido que plaina no ar sempre tão fugaz e instável, para além de sua própria vontade individual (vontade individual imaginária, diga-se de passagem), resta-lhe lançar-se, com os devidos instrumentos de análise de sua via teórica, num trabalho de leitura que se debate com a contradição. Um trabalho, acima de tudo filosófico, porque exige essa mobilização de um pensamento fundamentado num dispositivo teórico-analítico e que, ao mesmo tempo, não se fecha no “irréductible de la langue dans le discours d’un système conceptuel” pois se debruça sobre *como* a espessura do tecido discursivo produz seus efeitos, seus sujeitos, enfim, seus imaginários na e da sociedade. Esse gesto do analista sobre os mecanismos de produção de efeitos de interpretação tem sua duplicidade que impulsiona o analista a levar a sério essa produção do imaginário de um dizer que é tomado – imaginariamente – em sua homogeneidade e terreno planificados, para que então possa ver como o Outro pulsa e faz pulsar o Mesmo. Por esse motivo, a AD é em si esse espaço de enfrentamentos, de embates e de pontos de deriva, na medida em que trabalha na amostragem dos sentidos enquanto deslineares, dessimétricos, “esburacados” e fadados à incompletude. Ou seja, não há metadiscurso possível, isto é, um sistema homogeneizador porque no discursivo há um esburacamento que o remete ao jogo do Mesmo e do Outro.

Desse modo, em *La Frontiere Absente*, coloca-se o ponto central para a compreensão da AD e, ao mesmo tempo, seu desafio: “penser le discours comme événement suppose de concevoir comment du discours il se teut arrêter un processus, rompre une répétition le ressassement”. Ou seja, o discurso se inscreve e se repete na história materialmente, instaurando não só espaços do “repetível”, mas cadeias parafrásticas que constroem, organizam e, importante que se ressalte, reconfiguram-no por um processo de re-arranjo discursivo. Desse modo, a relação Mesmo / Diferente está sempre em jogo, sempre em movimento. Os efeitos provocados pela homogeneidade lógica estão sempre em tensão com a assunção do Outro na mesma imaginária, no suposto círculo vicioso de repetições. Por isso mesmo, essas cadeias parafrásticas não

são estáticas ou plenamente sinonímicas; elas se movimentam nos fios do discurso (re)configurados pela/na história. Desses movimentos de sentidos impulsionados por essas cadeias, estruturam-se as formações discursivas, daí constituindo-se as matrizes do sentido que caracterizam a especificidade do corpus. Nas palavras de Orlandi,

*“a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentidos no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2001, p.38)*

É aí que entra o entrecruzamento intradiscursivo e interdiscursivo, provocando as oscilações e os Outros no processo. O “elogio da debilidade”, isto é, aquilo que escapa do dizer dentro mesmo do dizer, desconstrói suas trilhas para, contudo, construir outras sempre possíveis. Seguindo essa linha de pensamento, o texto retoma a discussão em torno de James Joyce e Jorge Luis Borges: Joyce em sua desconstrução da sintaxe provocando o “non-sense” e a multiplicidade significativa, como é o caso de páginas e páginas sem pontuação ou a mistura frenética de gêneros literários no decorrer de uma narrativa de entremeios e de palavras re-arranjadas; Borges em sua apurada construção lógica sintática, no interior da qual promove relações outras possíveis e anteriormente não imagináveis pelo imaginário instituído, como é o caso bem lembrado por Foucault em seu livro *As Palavras e as Coisas* da classificação dos seres. Tudo isso indicando “aquilo que perfura a ordem” e que também promove ordens outras.

O discurso está nessa relação estruturante e, ao mesmo tempo, movente no interior dos acontecimentos discursivos. Considerando efeito de sentidos a idéia de um *ad infinitum*, a AD tem como princípio básico mostrar como discurso e sujeito são constituídos pela opacidade e incompletude, e como as narrativas se constituem como textualização de um território onde o real

discursivo está sempre na dialética do mesmo e do diferente, da ilusão da individualidade e de uma alteridade fundante, do possível e do impossível dos sentidos. Em outras palavras, o discursivo plaina, flutua e, assim sendo, não conseguimos simplesmente aprisioná-lo. Por isso, ao analista, esse *sujeito* que se envereda por essa via movediça do discurso de relações de nunca acabar, cabe humildemente transpassar o imaginário da morte e da inexistência dos sentidos, **mostrando** com seu dispositivo analítico que o Outro, ou melhor, os Outros pulsam, dando a essa via de imaginárias fronteiras uma vida atravessada por fios que se cruzam, irrepresentáveis e materiais, fugazes e contraditórios.

### **Referências Bibliográficas:**

BORGES, Luiz Carlos. Fala Instituinte do Discurso Mítico Guarani Mbya. Tese (doutorado) – UNICAMP. 1998.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

MELO NETO, João Cabral de Melo Neto. *Obra Completa*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar S. A. 1994.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso – princípios e procedimentos*. Campinas. São Paulo. Pontes. 2001

ORLANDI, Eni. *Língua e Conhecimento Lingüístico – para uma História das Idéias do Brasil*. São Paulo. Cortez. 2002.

PECHÊUX, Michel. *La Frontiere Absente (un bilan)*. In: CONEIN, Bernard [et al.]. *Materialites Discursives – colloque dès 24, 25, 26 avril*. Paris. Universidade Paris x-Nanterre. 1980.